

SABERES DA EXPERIÊNCIA VISUAL: AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES SURDOS SOBRE A ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS

Giovana Medianeira Fracari Hautrive
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
Eixo temático: Escrita de Língua de Sinais

Situando a pesquisa

Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior, nele pretendemos compreender como os saberes da experiência visual favorecem as concepções dos professores surdos no que se refere ao ensino e aprendizagem da escrita da língua de sinais. Para tanto, a abordagem metodológica utilizada foi de natureza qualitativa e desenvolveu-se a partir da perspectiva sociocultural de cunho narrativo. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de treze reuniões do grupo de estudos e de entrevistas semiestruturadas com cinco professores surdos da escola Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser¹.

De acordo com Lopes (2010), a vivência em espaços como a escola para surdos pode representar o princípio do respeito à diferença, produzida a partir da elaboração de distintas possibilidades de interação entre os sujeitos que compõem aquele espaço educacional. A escola para surdos em que os sujeitos desta pesquisa estão atuando tem a educação bilíngue como sua principal marca.

A análise da narrativa sinalizada² dos professores surdos, que são responsáveis pelo ensino da escrita da língua de sinais – SignWriting, indicaram como resultados o processo de aprendizagem da docência deles destacando os elementos constituintes nesse processo. Neste artigo, vamos discutir sobre os saberes da experiência visual como elemento na produção das concepções dos professores surdos. Pensando em preservar a identidade dos professores, o que sugere respeito à dignidade e defesa da vulnerabilidade dos sujeitos, aqui, eles serão identificados por pseudônimos que lembram nomes de estrelas da constelação Cisne. A escolha desses nomes é uma forma de evidenciar os papéis assumidos ao longo da pesquisa. Assim, representam a força da coletividade, que em movimentos de compartilhamento e união

¹ Ver mais sobre a escola para surdos em HAUTRIVE, G. F.; BOLZAN, D. **Proposta educacional bilíngue: o contexto da escola para surdos**. In: OLIVEIRA, Gilvan Müller de; RODRIGUES, Luana Ferreira (Org.). Atas do VIII Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas. Florianópolis: UFSC Universidade Federal de Santa Catarina e AUGM Associação de Universidades Grupo Montevideu – Núcleo Educação para a Integração, 2017. p. 146 – 157. ISBN: 978-85-93482-01-4

² Entendemos narrativa sinalizada do professor surdo como o modo pelo qual manifestam suas reflexões, entendimentos, concepções e valores sobre o processo de aprender e de ensinar. É a sinalização por meio da Libras que os possibilita narrar sobre sua vida, suas histórias, favorecendo a produção de momentos de produção de sentidos e significados sobre seu desempenho professoral, explicitam seus pensamentos através da língua de sinais.

HAUTRIVE, Giovana F. **Saberes da Experiência visual: As concepções dos professores surdos sobre a escrita da língua de sinais**. In: II Congresso Nacional Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018, p.01-12.

são capazes de se fortalecer e representar a unanimidade sem deixar de lado a singularidade e o lugar que ocupam.

Saberes da experiência visual como baliza para a constituição das concepções docentes

Entendemos que os fundamentos do ensino se constituem na trama entre os saberes existenciais, sociais e pragmáticos (TARDIF, 2002). No que se refere aos saberes existenciais, o autor nos diz que o saber ensinar não se reduz a um “sistema cognitivo”. Esses saberes referem-se ao professor como alguém que está dedicado por completo, traz as suas experiências de vida para o ato docente, seu pensamento é produto da sua história de vida em diferentes âmbitos: o emocional, afetivo, pessoal e interpessoal e não somente intelectual. O professor é um sujeito que elabora suas concepções docentes vinculadas às experiências vividas, envolvendo sentimentos, linguagem, relações com outros e consigo mesmo. É alguém que utiliza de suas próprias vivências para destamar e elaborar novas concepções, dando sentido, significado e continuidade à vida, ao organizar novas concepções sobre a docência. Todos esses elementos estão agregados na elaboração de saberes docentes e, evidentemente, na constituição do ser professor.

Os saberes são sociais, porque, além de serem plurais, eles derivam também de ambientes e tempos sociais distintos, como das experiências da infância, tempo da escola, tempo da formação inicial. Podemos dizer que são sociais também porque, em algumas ocasiões, podem ser determinados e validados por grupos sociais (como pesquisadores acadêmicos). Nesse sentido, compreendemos que a relação do professor com os seus próprios saberes são acompanhados pela veemência social.

Os saberes dos professores também são pragmáticos, pois estão ligados tanto à sua ação como à sua pessoa, são “saberes ligados ao labor, de saberes sobre o trabalho, ligados às funções dos professores” (TARDIF, 2002, p. 105), a saber, referem-se a saberes práticos. Os saberes existenciais, sociais e pragmáticos fazem parte do contexto que compõe a comunidade escolar, ou seja, professores, equipe diretiva, pais, estudantes, que marcam as relações docentes. A tripla distinção entre eles revela a dimensão temporal dos saberes docentes, que Tardif (2002) compreende como:

[...] saberes esses que não somente são adquiridos no e com o tempo, mas são também temporais, pois são abertos, porosos, permeáveis e incorporam, ao longo do processo de socialização e da carreira, experiências novas, conhecimentos adquiridos durante esse processo e um saber-fazer remodelado em função das mudanças de prática e de situações de trabalho (p. 106).

Evidenciamos essa relação do saber existencial como saber construído e utilizado referencialmente, na prática do professor, quando é destacado ao elaborar as suas escolhas docentes (TARDIF, 2002).

Esse arcabouço teórico nos ajuda no entendimento dos saberes da experiência visual dos professores surdos como a constituição que envolve processos contínuos de apropriação, elaboração e criação. O professor surdo é capaz de estabelecer este saber ao longo de sua existência como pessoa surda e também na trajetória docente, resultando em ações pedagógicas próprias, em reflexões autônomas com posicionamentos diante da especificidade linguística que os caracteriza.

Estudos freireanos nos ajudam no entendimento de que, por meio de atos educativos, nos tornamos capazes de realizar uma leitura crítica da realidade da qual fazemos parte. Isso implica a denúncia da realidade opressiva, injusta, que nos mantém em restrição cultural e, portanto, a crítica transformadora emerge como um anúncio de outra realidade. O anúncio consiste na necessidade de criação de uma nova realidade que poderá ser a utopia dos sujeitos, “[...] o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico” (FREIRE, 2001, p. 32). No caso dos professores surdos, a utopia dos docentes está direcionada à prática de ensino e de aprendizagem do sistema de escrita da língua de sinais, SignWriting no contexto da escola para surdos.

Nesse sentido, entendemos que a conscientização está atrelada à utopia, pois quanto mais conscientizados/intelectualizados nos tornamos, mais legitimados estamos para nos assumirmos como anunciadores e denunciadores. Isso se dá devido ao compromisso de transformação que assumimos diante da nossa realidade (FREIRE, 2001).

Os docentes surdos anunciam que há elementos específicos na sua condição como professor de língua de sinais, que é constituído por saberes e fazeres peculiares aos modos como organizam as situações de ensino.

As concepções docentes sobre a escrita da língua de sinais: O que anunciam as narrativas gestuais dos professores surdos

Os professores surdos justificam, com base nos *saberes da experiência visual*, que a imposição da aprendizagem da língua portuguesa como único sistema de escrita não tem

favorecido o pleno desenvolvimento e a liberdade desses sujeitos no que se refere ao acesso à cultura escrita.

Entendemos assim, que os professores surdos, em sua trajetória, constroem e reconstróem seus saberes conforme suas experiências com a língua escrita, a necessidade de seu uso, seus percursos formativos e docente.

Nessa perspectiva, os docentes surdos anunciam a conscientização sobre a importância da leitura e da escrita em um sistema que contemple a língua de sinais, evidenciando-nos os *saberes da experiência visual*. A narrativa que segue expressa esta compreensão

[...] vejo a nossa língua completa, ela não é frágil, ela é completa, ela possui a escrita também. Eu acredito no poder linguístico da nossa língua, é importante acreditar, é como acontece no português que sempre está modificando, e a nossa língua também (risos) (Albireo/ entrevista pessoal)

[...] precisamos acreditar na escrita da nossa língua como autônoma, não como dependentes um sistema do outro, porque eles não são. (Prof. Sadr /Reunião 4 do grupo de estudo).

[...] lá na China a escrita ideográfica que eles usam é independente, eles não dependem da escrita alfabética para escrever os seus símbolos e nós também não precisamos da língua portuguesa para escrever a língua de sinais escrita. (Prof. Deneb /Reunião 4 de grupo de estudo).

As narrativas gestuais dos professores indicam a conscientização sobre o reconhecimento das línguas de sinais estarem sustentadas por seus parâmetros linguísticos, considerada uma língua viva que possui propriedades como qualquer outra língua humana (QUADROS e KARNOPP, 2004). Os docentes anunciam que, assim como todas as línguas possuem sua representação escrita, a língua de sinais também possui um sistema de escrita que precisa ser considerado e valorizado culturalmente.

Entendemos como *saberes da experiência visual* aqueles saberes provenientes da experiência como pessoa surda, da história de vida junto à comunidade surda e ouvinte, das relações estabelecidas ao longo de sua vida no contato com a escola, as experiências com a discência que provocam os professores surdos à reflexão sobre suas escolhas e posicionamentos. Estes saberes ajudam o professor a construir parâmetros sobre a própria constituição docente, e também sobre a formação da consciência das mudanças históricas que ocorreram no seu campo de saber, neste caso, referentes ao sistema de escrita para as pessoas surdas.

Assim, os educadores surdos utilizam dessa gama de parâmetros como entendimento para o seu ato docente em relação ao ensino do sistema de escrita de sinais/*SignWriting*. Em suas narrativas,

[...] eu aprendo tudo por meio da Libras, então a escrita dessa língua é mais fácil para aprender, acontece que combina a língua de sinais com a escrita dos sinais, porque aprendemos pelo visual e a escrita da língua de sinais é a escrita do visual (Prof. Sadr / entrevista pessoal).

[...] na importância da visualidade para o desenvolvimento linguístico cognitivo do surdo, percebo que a visualidade da língua de sinais torna mais fácil a assimilação dos conhecimentos [...] (Prof. Gienah / entrevista pessoal).

[...] as pessoas pensam que a língua de sinais é incompleta, que é apenas sinalizada, mas ela é completa, tem a escrita. Para a criança aprender tem que ter sentido, a criança precisa ter a relação entre os gestos e a escrita. (Prof. Albireo /Reunião 1 do grupo de estudo).

*[...] vocês conseguem ver que está escrito “fechado”, certo? Essa diferença é porque na *SignWriting* nós temos a visualização do sinal [...] (Prof. Deneb/ Reunião 11 do grupo de estudo)*

É nesse sentido que a comunidade de surdos apresenta a escrita dos sinais como canal de potencialidades, pois a visualidade, que é a marca maior desta comunidade, é valorizada no sistema de escrita dos sinais. Nas palavras de Stumpf (2002),

A escrita da língua de sinais está para nós, os surdos, como uma habilidade que pode nos dar muito poder de construção e desenvolvimento de nossa cultura. Pode nos permitir também muitas escolhas e participação no mundo civilizado do qual, até agora, temos ficado à margem. Durante todos os séculos da civilização ocidental, a escrita própria fez falta para os surdos, sempre dependentes de escrever e ler em outra língua que não podiam compreender bem, vivendo com isso uma grande limitação (p. 63).

Os sujeitos deste estudo afirmam que a língua de sinais escrita nasce de dentro deles, no âmago, algo visceral. Eles anunciam que se sentem livres quando escrevem no sistema da língua de sinais, marcando a autonomia que o sistema adotado lhes proporciona.

[...] a visualidade é mais clara na escrita dos sinais. Entendo que é um sistema visual, um sistema diferente, é uma escrita própria, parece que nasce de dentro de mim porque eu vejo a minha língua na escrita (Prof. Lota /Reunião 2 do grupo de estudo)

A relevância da reciprocidade entre a língua sinalizada e a escrita garante a fluência na escrita e na leitura, eles narram que aprendem com o olhar, elemento que facilita a

aprendizagem. Justificam que essa escrita respeita o desenvolvimento cognitivo, quando há coerência entre os gestos e a escrita, todas estas dimensões nos evidenciam que a palavra escrita dos sinais está conectada ao mundo dos professores surdos, dialeticamente ligada à realidade da comunidade surda sinalizante.

Os docentes surdos justificam o posicionamento afirmando que *a escrita de sinais é fonte de respeito ao desenvolvimento linguístico cognitivo da pessoa surda*

[...] nós, surdos, precisamos aprender a ler em português, tudo isso é resolvido para mim, mas o valor da língua de sinais escrita para o desenvolvimento linguístico cognitivo das pessoas surdas é incomparável. Há a necessidade da fluência na língua para desenvolvermos a leitura, a língua de sinais escrita é mais importante para o desenvolvimento intelectual do surdo. (Prof. Gienah/ entrevista pessoal).

[...]o nosso desenvolvimento cognitivo precisa de detalhamentos. Como ficará o nosso desenvolvimento cognitivo? Por exemplo, quando perguntamos para um adolescente surdo: o que é gripe? e ele responde: vírus. A pessoa responde apenas isso, então estão acostumados a resumir sempre, uma explicação pobre, não há uma explicação, nem um entendimento que realmente consiga explicar o processo da gripe dentro do contexto com os sintomas que acontecem no nosso corpo, a indisposição, a forma de transmissão, as causas da gripe e os cuidados que precisamos ter, não há uma contextualização para essa explicação, a qual sempre é muito pobre. É através da língua de sinais e também da língua escrita que vamos receber essas informações [...] (Prof. Albireo/ Reunião 10 do grupo de estudo).

Observamos por meio das narrativas que os docentes surdos defendem um posicionamento político com relação à aprendizagem do sistema de escrita da língua de sinais. Ao alcançarem espaços politicamente conquistados, os professores justificam suas escolhas, anunciando o desejo de se libertarem do aprisionamento ocasionado pelo ensino do sistema da língua portuguesa imposto durante sua escolarização. Anunciam que desejam constituírem-se como uma comunidade que somam à leitura que já fazem do mundo e da sua própria língua a leitura da palavra escrita, da qual ainda não fazem por não terem garantido o direito cultural de ler e escrever em língua de sinais.

De acordo com os professores sujeitos deste estudo, um sistema de escrita que seja capaz de agenciar o processo de rompimento com a cultura do silêncio, precisa ter como elemento dinamizador a reciprocidade entre a língua sinalizada e a escrita. É nesse sentido que os docentes anunciam nas suas gestualidades narrativas, concepções que rompem com a educação escolar que vivenciaram, assim, criando [re]significações sobre o próprio processo de aprender a ler e a escrever. Conforme estudos de Stumpf (2002), a língua de sinais escrita

[...] é um sistema [...] assim como o alfabeto é um sistema para a escrita da fala, representa as unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações e tem como ponto de partida a língua de sinais dos surdos. Torná-lo acessível às comunidades surdas é tornar acessível a essas comunidades uma ferramenta necessária à construção de surdos leitores e escritores (p. 91).

Os docentes surdos afirmam que a leitura do mundo é fundamental para a compreensão da importância do ato de ler e escrever ou de reescrever. Assim, ler e escrever transforma-se em uma prática consciente para esses professores (FREIRE, 2015). É exatamente nesse sentido que as reflexões dos educadores surdos nos mostram a sua conscientização sobre a importância da leitura e da escrita do sistema que contempla a sua língua, uma língua que se efetiva pelo canal visual/gestual. Os professores surdos desenvolvem a capacidade criadora sobre o próprio processo de aprender a ler e escrever como sujeitos capazes de transformarem a realidade em que estão inseridos. Freire (2015) nos ajuda a compreender sobre o processo de conscientização que a espécie humana vivencia

Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente, a conscientização, como a educação, é um processo específica e exclusivamente humano. É como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas com o mundo. Somente homens e mulheres, como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora (FREIRE, 2015, p. 107).

Os docentes são enfáticos ao advogar o direito de aprender o sistema de escrita da sua língua, justificando que serão respeitados no seu desenvolvimento linguístico cognitivo, assim como também são capazes de elevar sua autoestima, de modo a acreditarem em seu potencial como sujeitos que podem aprender.

Os professores surdos estão estabelecendo suas concepções docentes que validam os saberes docentes, conscientizando-se do contexto sociocultural, do qual faz parte e das suas ações direcionadas ao sistema de escrita. Logo, estão a pensar, refletir, a reorganizar a realidade em que estão inseridos.

Albireo destaca a relevância da escrita de sinais para as pessoas surdas

Eu aprendi rápido porque era simples, hoje está com mais detalhes, atualmente tenho a certeza de que a comunidade surda precisa da escrita como fonte de identidade, como um direito humano de existência (Prof. Albireo / Reunião 4 do grupo de estudo).

Esses elementos remetem-nos a pensar na dimensão social como a base da existência humana, ou seja, constituímos-nos por meio da organização com outros indivíduos. Com base

neste pressuposto, tornou-se relevante elucidar os eventos sociais e interacionais vividos pelos docentes surdos que são responsáveis pelo ensino e aprendizagem do sistema de escrita dos sinais.

Esses docentes constroem, em suas salas de aula, momentos de liberdade, quando escrevem, leem e sinalizam na mesma língua, realizando anúncios sobre o processo de leitura e escrita no sistema *SignWriting*, pois a possibilidade desta escrita contempla *a reciprocidade entre a sinalização dos sinais e a escrita*.

[...] na escrita dos sinais eu vejo essa relação, os alunos têm a liberdade para escrever, muitas vezes eles não sabem exatamente como escrever, então, fazem o sinal e ficam olhando para as mãos até conseguirem representar aquela palavra na escrita: todos arriscam [...] (Prof. Sadr/ entrevista pessoal).

[...] sabemos que há 3 séculos, a escrita dos sinais já existia, sabemos que a língua portuguesa não ajuda quando precisa escrever com as letras da palavra A-R-V-O-R-E-, mas sim precisamos escrever como fazemos os sinais de árvore, a letra A é do português e não é da língua de sinais, é de outra língua. O português é muito pesado para nós, não conseguimos entender (Prof. Deneb/ Reunião 4 do grupo de estudo).

Os professores surdos anunciam e constroem uma nova proposta baseada nas condições linguísticas e culturais da comunidade surda, ou seja, o ensino e aprendizagem do sistema de língua de sinais escrita, neste caso, sistema *SignWriting*.

Cabe ressaltar que, no entanto, os docentes surdos, ao estabelecerem um anúncio estão justamente utilizando-se da denúncia para atribuir sentido e significado à constituição do próprio saber. Não acontece a negação, e sim, a apropriação dessas vivências como elementos que os ajudam a posicionarem-se para escolha do sistema de escrita *SignWriting*.

Entendemos que ensinar, por essência, é uma forma de intervenção no mundo que leva às mudanças reais na sociedade. É nesse sentido que as narrativas gestuais dos professores marcam a aprendizagem da própria escrita como uma descoberta criadora. Em suas narrativas:

[...] Por que muitas crianças surdas e até mesmo os adultos não gostam de ler? É simples a resposta, é porque nunca leram, e por qual motivo eles nunca leram? Porque a didática adotada não é adequada para os surdos. Nós como professores precisamos pensar nisso, porque nossa comunidade precisa aprender o modo de domínio de leitura desde cedo. Se já aprendeu bem a leitura da própria língua, isso facilitará para aprender a leitura de outros idiomas [...] (Prof. Albireo- Reunião 11 do grupo de estudo).

[...] as crianças surdas ficam em estado de magia quando se deparam com textos ou cartazes na escrita dos sinais, eles conseguem fazer a leitura imediatamente e sinalizam o que está escrito, é algo que acontece naturalmente, pois é o mesmo canal. O canal

visual que a escrita SignWriting representa, por isso ler e escrever nesse sistema acontece naturalmente [...] (Prof. Deneb/ Reunião 2 do grupo de estudo).

Os professores surdos destacam a importância da reciprocidade entre a sinalização e a escrita do sistema dos sinais. Expressam que é fundamental compreender essa reciprocidade como necessária para o processo de leitura e escrita. Nessa perspectiva, os *saberes da experiência visual* estão ancorados nas experiências pessoais e docentes voltadas à aprendizagem da escrita.

Os docentes surdos anunciam que a escrita da língua de sinais por meio *do sistema SignWriting é considerado o sistema potencial* para o desenvolvimento pleno da cultura escrita do sujeito surdo.

[...] a comunidade surda merece ter uma escrita para os sinais, a língua portuguesa não é a escrita dos surdos, as produções dos surdos não podem sumir, precisam se fortalecer: isso faz parte da nossa cultura. (Prof. Deneb/ Reunião 4 do grupo de estudo).

[...] nós merecemos escrever em SignWriting, a comunidade de surdos merece, merecemos isso, as crianças surdas que usam a Libras merecem escrever em língua de sinais porque é a escrita da nossa língua (Prof. Lota /Reunião 1 do grupo de estudo).

[...] precisamos compreender e resolver sobre o sistema de escrita e também ter respeito com a comunidade surda e com a escrita dos sinais [...] (Prof. Albireo/ Reunião 6 do grupo de estudo).

[...] eu sinto que nós, docentes, surdos, precisamos investir mais nos estudos para ter mais segurança, a nossa escrita é espontânea, ela nasce de dentro de mim, precisamos ter mais clareza sobre isso, ter mais discussões. (Prof. Gienah/ Reunião 11 do grupo de estudo).

Nas narrativas gestuais dos docentes está em pauta o reconhecimento e a valorização da escrita dos sinais para a comunidade surda, a *SignWriting*. Esta escrita transforma a condição escolar das pessoas surdas, sendo que, ao discutir os significados e sentidos da condição de existência destes sujeitos, o reconhecimento da língua escrita como direito cultural é recorrente, tanto nas entrevistas pessoais como em diferentes reuniões do grupo de estudo. Os docentes surdos defendem a língua de sinais e o seu uso fluente pela comunidade surda de modo a permitir que os processos comunicativos se deem no patamar de qualquer outra língua já existente, superando reducionismos históricos impressos à língua de sinais.

Os professores destacam que ao escreverem no sistema *SignWriting* sentem-se livres, pois elaboram relações com a língua de sinais e as experiências vividas no processo de

aprendizagem desta língua, nos evidenciando que é o *sistema potencial para aprender que garante acesso a cultura escrita*.

[...] eu escolhi aprender SignWriting , pois este é o caminho. Se tiver uma plateia e eu precisar fazer um discurso, eu consigo se estiver escrito em língua de sinais escrita, se a escrita estiver em língua de sinais eu vou conseguir ter fluência, mas se estiver em português, meu discurso vai ficar truncado, vou identificar apenas algumas palavras. Em língua de sinais escrita, tudo vai fluir, vai ser uma festa! O discurso ficará mais claro! (Prof. Lota/ Reunião 2 do grupo de estudo).

[...] na escrita dos sinais eu consigo entender o que está escrito, há esse contexto na escrita. Na língua portuguesa, nós demoramos muito para aprender a ler e escrever, porque não tem relação, não tem contexto com a língua de sinais. A escrita dos sinais é rápida para os alunos surdos aprenderem [...] as crianças realizam a leitura e a compreensão é muito rápida do texto, e em português? Eles não conseguem, não há contexto, nem relação com a Libras. É na SignWriting que conseguimos essa liberdade para escrever e ler (Prof. Sadr / entrevista pessoal).

[...] na escrita dos sinais, nós olhamos e conseguimos ver a nossa língua, isso nos ajuda a aprender mais rápido (Prof. Deneb/ Reunião 4 do grupo de estudo).

Os professores Lota, Sadr e Deneb anunciam o sistema *SignWriting* como sistema em que está implicada, necessariamente, a sinalização da língua, a conquista da plenitude cidadã de poder ler e escrever na língua que os constituem, garantia da autonomia na escrita.

Os saberes da experiência visual alicerçam a defesa do sistema de escrita da língua de sinais, *SignWriting*, pelos professores como o mais adequado para as especificidades visuais da comunidade surda. Os professores surdos argumentam que a reciprocidade entre a sinalização e a escrita é garantia para a fluência das pessoas surdas na leitura e na escrita, envolvendo o respeito ao desenvolvimento linguístico e cognitivo delas.

Os docentes surdos estão aprendendo a aprender sobre a própria língua, sendo que se constituem como sujeitos cada vez mais críticos, ao elaborarem reflexões que marcam a conscientização do seu papel como professor da língua de sinais.

O ato de conhecimento destes sujeitos e as reflexões sobre a língua evidenciam concepções que nascem do processo de buscas e tentativas de revoluções, mudanças, alterações, portanto estão anunciando romper com a recepção passiva que viveram ao longo da história.

Dimensões conclusivas

Tivemos como objetivo neste artigo, discutir e compreender os desafios da docência de professores surdos responsáveis pelo ensino da Libras no contexto de uma escola para surdos, assim, foi possível evidenciar os saberes da experiência visual e as suas concepções sobre a escrita da língua de sinais. Foi por meio de reuniões de estudo que a materialidade dos dados analisados foram produzidos. O encontro dialógico foi estabelecido paulatinamente por meio de nossa participação nas reuniões do grupo de estudo organizado/dinamizado pelos professores surdos na Escola Reinaldo Fernando Cóser e por meio de entrevistas individuais semiestruturadas.

Os saberes da experiência visual dos professores surdos constituem as concepções e ideias acerca da escrita, evidenciando denúncias sobre as experiências como aprendizes de uma língua que não contemplou as particularidades linguísticas deles. Aprender a língua portuguesa na modalidade escrita gerou a dependência dos surdos para a efetivação da escrita, marcando a escolaridade desses professores com o fracasso, uma vez que não tinham autonomia para produzirem na língua que não era a sua língua natural.

O olhar para si é a condição primeira na elaboração das concepções que os professores surdos lançam mão para se constituírem na docência cotidianamente. Observamos que os professores surdos, sujeitos deste estudo, estão rompendo com a educação bancária que receberam. Eles elaboram reflexões docentes libertadoras, tornam suas narrativas sinalizadas um acontecimento que constitui as suas aprendizagens de ser professor.

Assim, a aprendizagem da docência dos professores surdos pode ser entendida como um processo que permite a análise e a compreensão do que seja aprender e ensinar a escrita da língua de sinais, sobretudo, de revisitar a docência e a reconstruir, se assim for necessário.

Nesse sentido, a escola para surdos, que valoriza os saberes da visualidade, é entendida como lugar passível para a formação continuada do professor surdo, um espaço que se constitui como potencial à formação, à reflexão e à inovação de práticas escolares, no que se refere à escrita da língua de sinais. É justamente neste lugar que os saberes profissionais dos docentes surdos, responsáveis pelo ensino do sistema de escrita de sinais -*SignWriting*, nascem e são colocados em movimento, transformando-se à medida que se efetivam.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro. editora, 2001.

HAUTRIVE, Giovana F. **Saberes da Experiência visual**: As concepções dos professores surdos sobre a escrita da língua de sinais. In: II Congresso Nacional Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018, p.01-12.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HAUTRIVE, G. F.; BOLZAN, D. Proposta educacional bilíngue: o contexto da escola para surdos. In: OLIVEIRA, Gilvan Müller de; RODRIGUES, Luana Ferreira (Org.). **Atas do VIII Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**. Florianópolis: UFSC Universidade Federal de Santa Catarina e AUGM Associação de Universidades Grupo Montevideu – Núcleo Educação para a Integração, 2017. p. 146 – 157. ISBN: 978-85-93482-01-4

LOPES, M. C. Relações de poderes no espaço multicultural da escola para surdos. In: **A surdez**. Um olhar sobre as diferenças. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**. Estudos Linguísticos. Artmed: Porto Alegre, 2004.

TARDIF, M. **Saberes docente e a formação profissional**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

HAUTRIVE, Giovana F. **Saberes da Experiência visual**: As concepções dos professores surdos sobre a escrita da língua de sinais. In: II Congresso Nacional Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018, p.01-12.